Em busca da recompensa do trabalho 'ético'
Gilles Morris

Por satisfação pessoal, executivos vão atrás de emprego em organizações sem fins lucrativos

Você tem o salário, o cargo de destaque e os reluzentes cartões de visita para provar o seu status. Então, por que parece haver algo errado? Se há um grande tema relacionado ao trabalho no final da década atual, este seria o emprego ético. Ou, ao menos, o trabalhar de maneira a não encher os bolsos de uma empresa cujos valores podem não refletir os seus. O problema é: como combinar o idealismo com um salário digno?

Bem, você poderia procurar uma organização filantrópica e tornar-se um refugiado corporativo no "setor sem fins lucrativos". É uma tendência crescente, de acordo com Joe Saxton, diretor da empresa de consultoria nfpSynergy, especializada nessas organizações.

Por que isso vem ocorrendo? O diagnóstico de Saxton é simples: "A expressão que vem à mente é 'fazer valer a pena'. As pessoas têm a sensação de que o trabalho que estão fazendo não é algo que valha a pena e pensam que um emprego no setor filantrópico é mais recompensador."

A orientadora vocacional Libby Hartz vê o problema como uma forma de as pessoas buscarem um significado maior para as próprias vidas. "Há uma ênfase muito maior em encontrar significado naquilo que se faz. Não se trata apenas do emprego, mas da vida como um todo."

Optar pela ética também pode fazer avançar a sua carreira. O primeiro emprego de Libby Hodgson depois de concluir a faculdade a levou ao setor de serviços financeiros, mas ela abandonou o navio em 2005 e assumiu um cargo de marketing na Unicef. "Para mim, não foi uma decisão puramente altruísta", diz Libby. "Queria me engajar num emprego onde fizesse um marketing mais inovador e de padrão superior. Queria trabalhar para uma marca conhecida, coisa que muitas agências de caridade são."

O nível de profissionalismo nas organizações sem fins lucrativos é subestimado pelo setor comercial, diz ela. Mas essa visão está morrendo, de acordo com Joe Saxton. "O setor corporativo não vê mais as agências de caridade como o equivalente a um posto diplomático num consulado na Albânia." E também não é uma atividade tão estagnada em termos do quanto é necessário trabalhar. "A carga de trabalho é maior", diz Libby.

E claro, há o problema do salário: trabalhar no setor sem fins lucrativos poderia deixar você de bolsos vazios. Os salários tendem a ser inferiores aos oferecidos pelo setor público e privado, embora haja variações.

Libby Hodgson diz que sofreu um corte salarial de "quase 15%" ao se mudar para a Unicef. Ela também sacrificou alguns benefícios. "Eu tinha um Alfa Romeo, freqüentava festas chiques de Natal e fazia viagens freqüentes." Será que ela sente falta dessas mordomias? "Não sinto falta de nada disso. Afinal de contas, eu estava entediada e frustrada no meu emprego", completa.

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 12 jun. 2008, Economia & Negócios, p. B22.